

PORTEFÓLIO PORTFOLIO



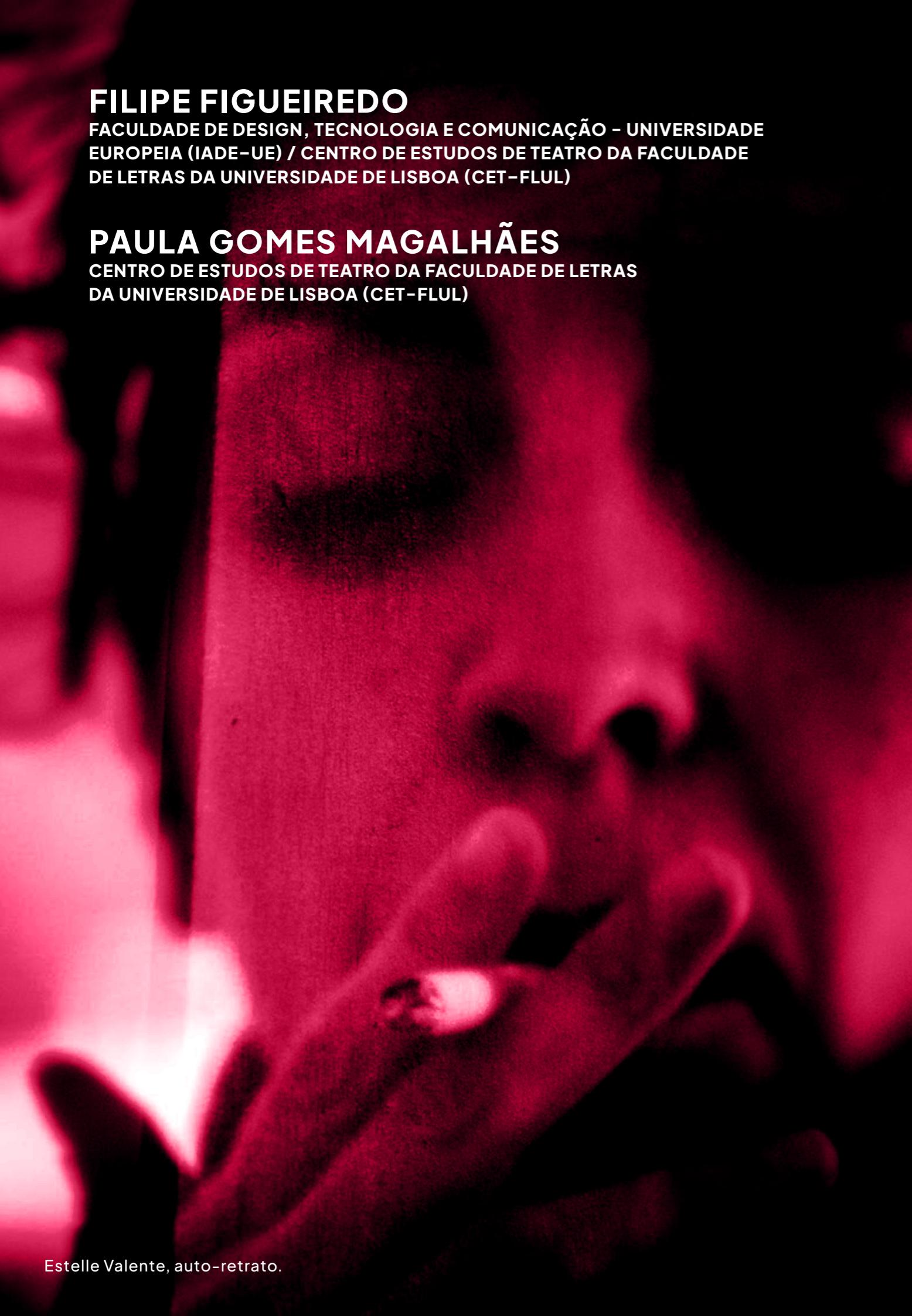
estelle valente
UM OLHAR INQUIETO
FILIPE FIGUEIREDO
PAULA GOMES MAGALHÃES

FILIPE FIGUEIREDO

FACULDADE DE DESIGN, TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO – UNIVERSIDADE
EUROPEIA (IADE-UE) / CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FACULDADE
DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CET-FLUL)

PAULA GOMES MAGALHÃES

CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CET-FLUL)



ESTELLE VALENTE

UM OLHAR INQUIETO

Nasceu em França, carregada de saudades. Filha de pais portugueses, acabaria por trocar Paris, e uma vida estável como professora universitária de Economia, em 2010, pela instabilidade de um país que atravessava uma profunda crise económica e pela incerteza sobre qual seria o seu futuro. Uma decisão mais emocional do que racional, por sempre ter sentido que seria mais feliz em Portugal.

Veio para Lisboa de comboio e instalou-se no coração da cidade, em Alfama. Com poucos amigos, mas com uma grande vontade de conhecer a cultura portuguesa, tinha o hábito de sair à noite, sozinha, para beber um copo e assistir a sessões de poesia e fado, duas das suas grandes paixões. Para se sentir mais confortável, evitar ares reprovadores e fazer face à timidez, começou a fazer-se acompanhar de uma máquina fotográfica e a registar imagens dos eventos por onde passava. Dessa convivência nasceria uma nova paixão.

A fotografia nunca tinha feito parte dos seus planos – autodidata, sempre se considerou apenas uma amadora – mas ser fotógrafa acabaria por se impor como trajetória profissional. Uma sessão de fotos com a fadista Gisela João – à época ainda desconhecida do grande público –, de quem se tornou amiga depois de se terem cruzado num bar em Alfama, alteraria para sempre o rumo da sua história, com algumas dessas imagens a integrarem o álbum de estreia da artista. Uma dessas fotografias foi reproduzida vezes sem conta na imprensa e nas plataformas digitais, dando a conhecer a fotógrafa Estelle Valente. Mulher de várias vidas, começava assim uma nova. Entrou no mundo profissional da fotografia através da música que mais apreciava, o fado, e da relação cúmplice que criou com a fadista Gisela João, que passou a acompanhar.

O teatro surgiria tempos mais tarde, através de um convite, em 2015, de Aida Tavares (então diretora do Teatro São Luiz), para fazer um conjunto de retratos de mulheres, num ano em que as figuras femininas dominavam a programação do teatro municipal. Depois dos retratos, colocados nas janelas do teatro, começou a fotografar ensaios, espetáculos e campanhas de comunicação, tornando-se fotógrafa oficial do São Luiz Teatro Municipal (SLTM), cargo que ocupou entre 2016 e 2024.

Em 2018, a participação numa residência artística e numa exposição no Théâtre de La Ville, no âmbito do Festival Chantiers d'Europe, resultaria numa validação do seu percurso, tanto pessoal quanto externa. A experiência reforçaria a sua confiança enquanto criadora e o reconhecimento de uma abordagem à fotografia de cena.

No princípio, sem qualquer conhecimento sobre quais seriam as regras para fotografar um espetáculo, seguia apenas o instinto.

Fotografava teatro e dança de acordo com os preceitos que mais lhe agradavam: a preto-e-branco e em ângulos pouco habituais, numa tentativa de fugir à realidade, fixando um imaginário poético. Uma assumida fraqueza, que se converteu na sua maior força, cimentando um modo de fazer. Agradece a liberdade que sempre lhe foi concedida e que lhe permitiu ir definindo um caminho. No registo procura ser discreta, mas dança enquanto fotografa porque não consegue estar parada.

Ao longo de quase uma década, Estelle Valente construiu a sua trajetória como fotógrafa de cena, principalmente como fotógrafa residente do SLTM. Registou os espetáculos apresentados naquele espaço, fotografando mais de duas centenas de produções de diferentes companhias e criadores. Essa experiência proporcionou-lhe um amplo contacto com diversas linguagens e processos de trabalho. Se é certo que o fotógrafo tem a capacidade de definir uma linguagem visual e encontrar um modo seu de dar a ver a cena, por vezes esse olhar atua em sintonia com a natureza do objeto que fotografa. Não raras vezes, as imagens do fotógrafo colam-se à pele dos atores e das encenações e a identidade de um consolida a do outro. No caso de Estelle Valente, tão diferentes objetos de cena e tão diversas relações de trabalho desafiam a definição de um olhar único, o reconhecimento imediato da autoria das imagens, mais do que a encenação fotografada. Ainda assim, ou talvez por isso, as fotografias de Estelle assumem uma vontade individual de se afirmarem com um certo grau de autonomia em relação ao seu referente.

Para Estelle, uma fotografia tem de contar sempre três histórias: a que está à sua frente, aquela que quer transmitir e aquela que quem vê a fotografia vai imaginar. Foge à realidade para poder integrar o seu universo na imagem, um universo melancólico, sombrio,

misterioso e poético. Mais do que contar a história do espetáculo, procura que as imagens reflitam a emoção que sente perante o que vê. É aqui que reside a identidade das suas imagens. Uma emoção que pode surgir numa imagem desfocada, arrastada ou editada, com alteração de cores ou acrescento de “grão”, denunciando um evidente sentido plástico e de composição.

A par de fotografias que cristalizam uma imagem da cena, indo ao encontro da geometria do palco, das suas relações de luz e cor, em suma, da *opsis* que se oferece ao espectador, outras evidenciam um olhar particular que se constrói em torno de planos descentrados e desnivelados, acentuando as linhas de palco e destabilizando o olhar sobre a imagem. Noutros casos, recorre à prática de múltiplas exposições, que nos últimos anos se vem tornando cada vez mais presente.

É quase no final da década de 2010 que este recurso começa a surgir no portefólio de Estelle Valente, primeiro de forma mais tímida, explorando as possibilidades imagéticas da sobreposição, para depois se assumir como uma marca distintiva do seu trabalho. Compatibilizando imagens nítidas com outras arrastadas, sobrepondo enquadramentos distintos de uma mesma cena, perspetivas e tempos diferentes, estabelece planos dinâmicos de imagens de cena antes estáticas, acentuando os sentidos intrínsecos da dramaturgia. Ou seja, nem sempre o espectador pode encontrar no palco as imagens que Estelle Valente lhe oferece; estas trazem o avolumar de camadas, diluem detalhes, exaltam valores cromáticos, tensões, elementos gráficos que são acentuados ou gerados na captação. Nestes casos, as suas fotografias correspondem a uma construção imagética a partir dos elementos visuais do palco, estabelecendo um equilíbrio entre o universo plástico e visual da cena e a visão subjetiva da fotógrafa.

Não obstante o seu carácter autónomo, estas imagens foram sendo aceites como as imagens oficiais da produção, apresentadas nos canais de divulgação do SLTM, inclusive na *Revista do Teatro São Luiz*, entre 2021 e 2023, e, desse modo, afirmando tanto a identidade autoral de Estelle Valente quanto um lugar especial para a fotografia de cena em Portugal. O percurso de Estelle Valente reflete um compromisso com a arte de capturar não apenas imagens, mas atmosferas, emoções e narrativas que transcendem a realidade. O seu trabalho desafia convenções e expande os limites da fotografia de cena. Mais do que documentar espetáculos, Estelle imprime nas suas imagens uma poética, transformando cada registo numa composição artística que dialoga com a cena e a reinventa.

AGRADECE-SE A COLABORAÇÃO DE ESTELLE VALENTE NA ELABORAÇÃO DESTE PORTFÓLIO
E NA IDENTIFICAÇÃO DOS INTÉPRETES NAS FOTOGRAFIAS.



A conquista do Polo Sul, de Beatriz Batarda, Arena Ensemble, São Luiz Teatro Municipal, 2016 (Romeu Costa).





No dia em que os cães se revoltaram, de Mark Levitas, São Luiz Teatro Municipal, 2016
(Zuhal Gencer Erkaya, Sercan Gülbahar).



Zululuzu, Teatro Praga, São Luiz Teatro Municipal, 2016 (Cláudia Jardim, Gonçalo Pereira Valves).

O nosso desporto preferido - *Futuro distante*, de Gonçalo Waddington, São Luiz Teatro Municipal, 2017 (Carla Bolito).





← *Uníssono - Composição para cinco bailarinos*, de Victor Hugo Pontes,
São Luiz Teatro Municipal, 2017 (Teresa Alves da Silva).

↓ *Uníssono - Composição para cinco bailarinos*, de Victor Hugo Pontes,
São Luiz Teatro Municipal, 2017 (Bruno Senune, Elisabete Magalhães).





Lindos dias, de Sandra Faleiro, São Luiz Teatro Municipal, 2018 (Cucha Carvalheiro).





↑ **Perplexos**, de Cristina Carvalhal, São Luiz Teatro Municipal, 2018 (Pedro Lacerda).

→ **Madrugada**, de Victor Hugo Pontes, Companhia Nacional de Bailado, Teatro Camões, 2019 (Lourenço Ferreira, Gonçalo Andrade).





Drama, de Victor Hugo Pontes, São Luiz Teatro Municipal, 2019 (Félix Lozano).



← *Fit(in)*, de João de Brito e Yola Pinto, São Luiz Teatro Municipal, 2019 (João de Brito, Yola Pinto).

↗ *Ocupação*, Teatro do Vestido, São Luiz Teatro Municipal, 2019 (Gustavo Vicente, Maria Emilia Castanheira).





↑ **Odeio este tempo detergente**, de Ana Nave, São Luiz Teatro Municipal, 2019
(Maria João Luís, Ana Nave).

→ **20.20**, Circolando, São Luiz Teatro Municipal, 2020 (Ana Isabel Castro, André Braga, Bruno Senunne, Costanza Givone, Daniela Cruz, Félix Lozano, Ricardo Machado).





Perfil perdido, de Marco Martins, São Luiz Teatro Municipal, 2020 (Beatriz Batarda, Romeu Runa).







Hamster Clown, de Ricardo Neves-Neves, São Luiz Teatro Municipal, 2021 (Rui Paixão).



Interior, de Rita Só e Mónica Calle, São Luiz Teatro Municipal, 2021 (Rita Só).



← **O cerejal**, de Sandra Faleiro, São Luiz Teatro Municipal, 2021 (Inês Castro Dias, Joana Campelo).

↑ **A reconquista de Olivença**, de Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo, São Luiz Teatro Municipal, 2022 (elenco).



Lumina, Bestiário, Espaço do Tempo, Montemor-o-Novo, 2022 (Teresa Vaz).



Histórias de além terra, de Leonor Keil / Cão Danado, São Luiz Teatro Municipal, 2022 (Sara Barbosa).



↑ **Jogos de obediência**, de Marta Carreiras, São Luiz Teatro Municipal, 2022
(Madalena Almeida, Sílvia Filipe, Vítor d'Andrade, Rui M. Silva).

→ **Má educação**, Formiga Atómica, São Luiz Teatro Municipal, 2022
(Ana de Oliveira e Silva, Carla Galvão).



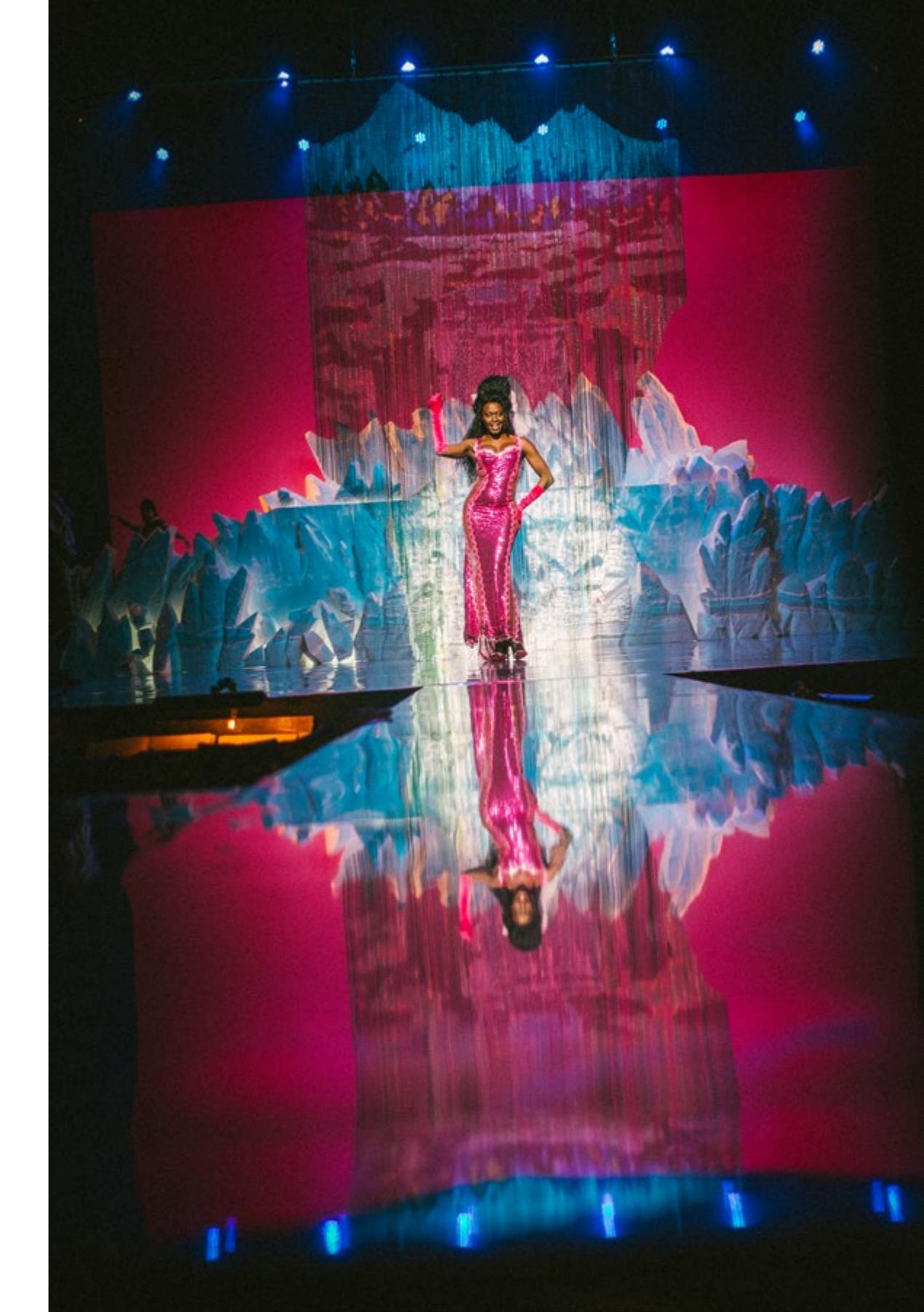


A hora em que não sabíamos nada uns dos outros, de Olga Roriz, São Luiz Teatro Municipal, 2023 (Gaya de Medeiros).



← *Blanche Neige*, Scopitone & Cie (França), São Luiz Teatro Municipal, 2023 (Juan Pino).

↗ *Bravo 2023!*, Teatro Praga, São Luiz Teatro Municipal, 2023 (Jenny Larrue).





O salto, de Tiago Correia, A Turma, São Luiz Teatro Municipal, 2023 (Inês Filipe).



↑ **Outra bizarra salada**, de Beatriz Batarda, São Luiz Teatro Municipal, 2023 (Maestro Cesário Costa).

→ **Última memória**, de Sara Carinhas, São Luiz Teatro Municipal, 2023 (Sara Carinhas).



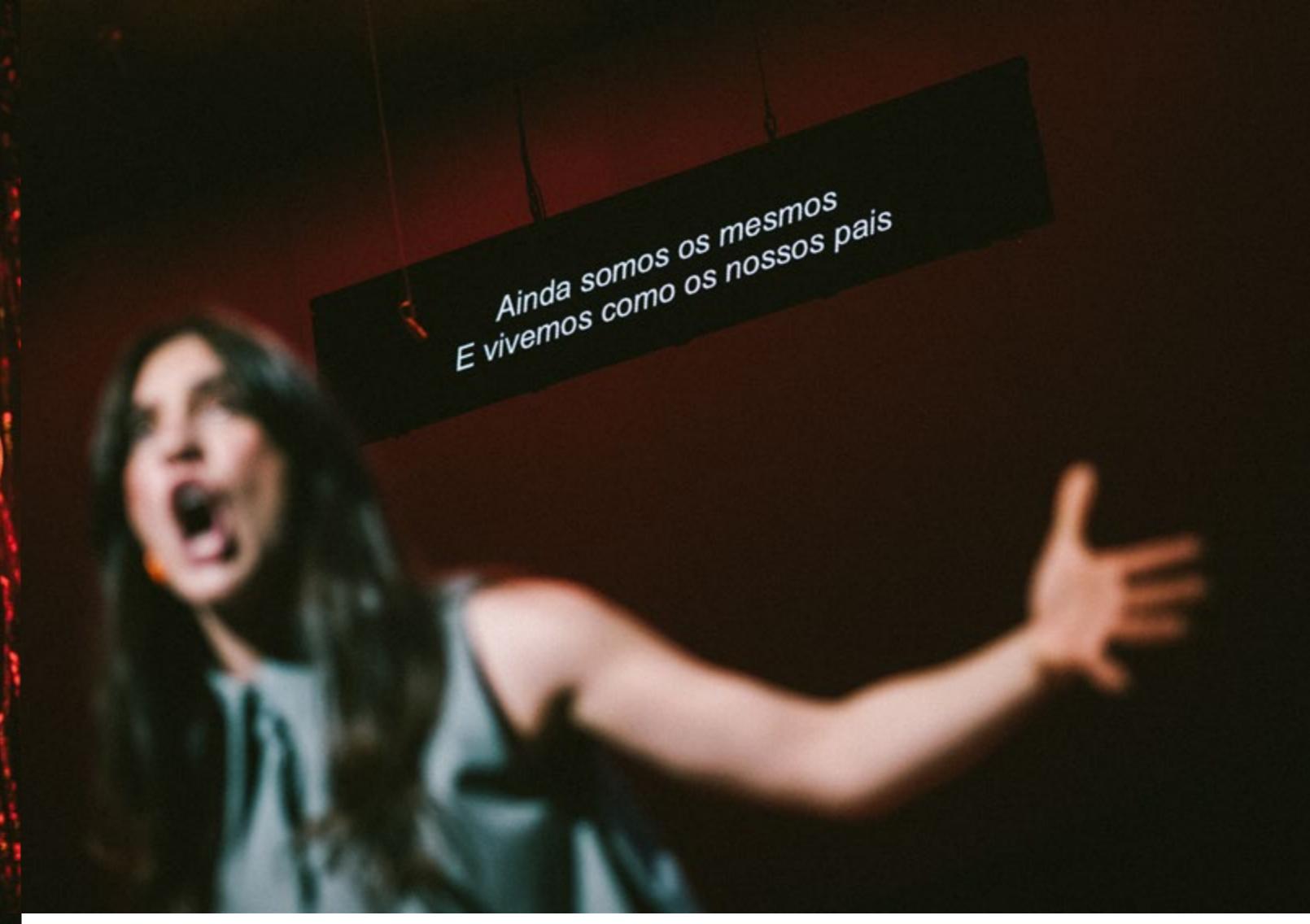
1001 Noites – Irmã Palestina, Teatro O Bando, Companhia Olga Roriz e Banda Sinfónica Portuguesa, São Luiz Teatro Municipal, 2024 (Banda Sinfónica Portuguesa).



Bibi ha Bibi, de Henrique Furtado Vieira e Aloun Marchal, São Luiz Teatro Municipal, 2024 (Henrique Furtado Vieira, Aloun Marchal).

A matança do porco do pai, de Sónia Barbosa, 2024 (Hugo Inácio, Joana Gomes Martins, Nuno Nunes, Sónia Barbosa).





↖ **Fazer uma canção**, de André e. Teodósio, Teatro Praga, São Luiz Teatro Municipal, 2024
(Alex D'Alva Teixeira).

← **La (nouvelle) ronde**, de Johanny Bert, Théâtre de Romette (França), São Luiz Teatro Municipal, 2024.

↑ **Quis saber quem sou**, de Pedro Penim, São Luiz Teatro Municipal, 2024 (Bárbara Branco).





The Swimming Pool Party, de Ricardo Neves-Neves, Teatro Variedades, 2024 (Ruben Madureira).